



**Relações Igualitárias
de Gênero**

Julho de 2004





SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	7
I - CONTEXTUALIZAÇÃO	
Resultados gerais da pesquisa	11
II - DADOS E ANÁLISES	
1. Perfil do grupo pesquisado e pesquisador	14
2. Cotidiano das relações de gênero nas famílias	15
3. Cotidiano das relações de gênero na Cáritas	18
4. Mundo do trabalho	19
a. Trabalho reprodutivo nas famílias	19
b. Trabalho reprodutivo na Cáritas	20
c. Trabalho produtivo	21
d. Trabalho produtivo e ação voluntária	21
e. O trabalho produtivo na Cáritas	21
5. Economia doméstica de agentes Cáritas	22
6. Poder na Cáritas	23
7. Espiritualidade	25
8. Lazer	25
9. Concepção de gênero na Cáritas	26
10. Percepção das/dos agentes Cáritas	28
11. Gênero e ação didático-pedagógica na Cáritas	29
CONCLUSÃO	
1. Hipótese	34
2. Objetivos	34
3. Elementos para diagnóstico	35
4. Um olhar sobre a pesquisa	38
Bibliografia	46



APRESENTAÇÃO

Propiciar espaços de reflexão e promover ações educativas tem sido uma característica do trabalho da Cáritas Brasileira e mais um passo com a finalidade de cumprir a sua missão foi dado. Esta publicação, que aborda a temática gênero, objetiva potencializar o registro e a sistematização do trabalho institucional e colocar em discussão os espaços ocupados pelas mulheres e pelos homens no interior das diversas atividades desenvolvidas no País.

Fruto de um levantamento realizado em todos os regionais e nas entidades-membro da Cáritas Brasileira, no período de 2001 a 2003, a pesquisa centrou-se na investigação das *relações sociais internas* de gênero e das ações pedagógicas direcionadas a essa questão.

A justificativa para a realização do levantamento fundamentou-se na importância de **dar testemunho**, em forma de autodiagnóstico e autoavaliação, com vistas a redimensionar ou fortalecer atitudes, comportamentos e ações, em vistas de melhor intervir para promover e animar o serviço de solidariedade ecumênica libertadora em favor das populações excluídas.

O público envolvido na pesquisa é composto por agentes da Cáritas que trabalham no Secretariado Nacional e Regional, nas dioceses, nas entidades-membros e nas diretorias.

O levantamento delineou-se com o objetivo geral de conhecer as relações sociais entre agentes da Cáritas na perspectiva de gênero, considerando a transversalidade de classe, raça, etnia e geração. Teve como finalidade específica compor o perfil das/dos agentes, aproximar o entendimento sobre esse assunto, fornecer subsídio para a elaboração de instrumentos de transformação social, colaborar na implementação de uma gestão democrática e solidária na Cáritas e contribuir nos processos formativos.

A hipótese testada na pesquisa foi se as relações de gênero no âmbito da Cáritas já superaram a dimensão explícita da dominação, em função das várias iniciativas educacionais promovidas pela entidade com o objetivo de combater as formas opressoras e pelo caráter do trabalho realizado por suas/seus agentes em busca de uma sociedade justa e solidária. Acredita-se que o resíduo de dominação na relação de mulheres e homens subsiste na forma simbólica (suave e invisível), que é exercida pelas vias da comunicação, do conhecimento e do sentimento.

A metodologia de trabalho adotou princípios da pesquisa participante, pesquisa-ação e pesquisa quantitativa, combinada com a construção do próprio grupo pesquisador para atender às necessidades da equipe. Fez-se uma pesquisa num processo educativo que permitisse sensibilização na perspectiva de gênero e aprofundamento de conhecimentos, que identificasse a forma de trabalho do público feminino e masculino nos Regionais e também o testemunho vivido pelas/os agentes.

Foi formado um grupo pesquisador nacional, com a participação de todos os Regionais e o trabalho teve as fases: preparatória/sensibilização, coleta de dados ou empírica, e analítica. As equipes de pesquisa regionais concentraram as informações sobre o processo de levantamento, a coordenação das atividades e a análise de dados.

O resultado do trabalho aqui sistematizado não tem um fim em si mesmo, mas, certamente, contribuirá para a qualificação no que se refere ao entendimento e construção de novas práticas a partir da perspectiva de gênero na rede Cáritas Brasileira.

INTRODUÇÃO

**“Assim toda a natureza,
todo homem, toda mulher
engravidarão de cidadania
que nascerá de parto normal e indolor e
todas as criaturas serão pais, mães,
irmãos e irmãs *dessa certeza futura*”.**

Hortência Mendes (Cáritas Piauí)

Refletir sobre as relações de gênero é, sem dúvida, um desafio posto a todas as sociedades, especialmente se este espaço social traz em si a marca da desigualdade e da discriminação e faz parte de uma conjuntura/estrutura que clama por mudanças nos mais diversos sentidos. Pensar em transformações faz perceber a complexidade do universo das relações sociais que geram opressão, exclusão, discriminação.

O entrelaçamento destas relações na constituição da diversidade social demanda ações de intervenção que contemplem todos os lugares a serem transformados. A luta por uma sociedade sem opressão, justa, igualitária e democrática deve portar visões de classe, ecologia, gênero, geração e raça/etnia.

Desta forma, serão dados passos na construção de “um novo paradigma de re-ligação, de re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelas pessoas que sofrem, inaugurando uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa à Mãe-Terra” (Boff, 1999).

Por assim compreender, a Cáritas Brasileira tem procurado desenvolver a sua proposta de intervenção na opção preferencial pelas pessoas empobrecidas e oprimidas, dotada de todos os vetores que interferem e colaboram na construção da complexa estrutura causadora de graves problemas sociais. As relações de gênero, por terem sido historicamente, na sociedade brasileira, matéria-prima das hastes, da corporificação e até do retoque

final que estrutura a questão social por aqui, não poderiam deixar de ser um importante foco da ação da instituição.

O olhar da Cáritas, inicialmente, voltou-se para o apoio à promoção do gênero milenarmente excluído: a mulher, compreendendo a importância do apoio aos setores fragilizados no empoderamento social, para que caminhassem rumo à sua auto-suficiência. Sem deixar de apoiar as mulheres, a Cáritas abraçou também o trabalho focado na relação estruturadora da discriminação e opressão. Para isso, realizou um Encontro de Mulheres, em 1999, que identificou a importância de trabalhar e/ou dar mais visibilidade ao que já vinha realizando nessa perspectiva, resultando num Encontro Nacional de Gênero, ocorrido em 2000, onde se definiu a realização da presente pesquisa.

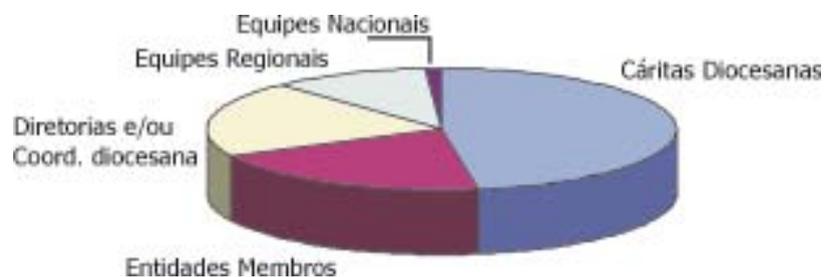
1

CONTEXTUALIZAÇÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO

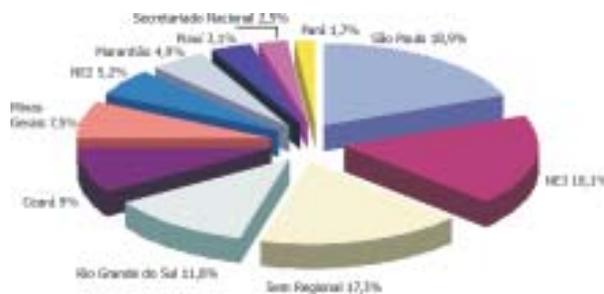
Foram respondidos 636 questionários.

Distribuição por Regional

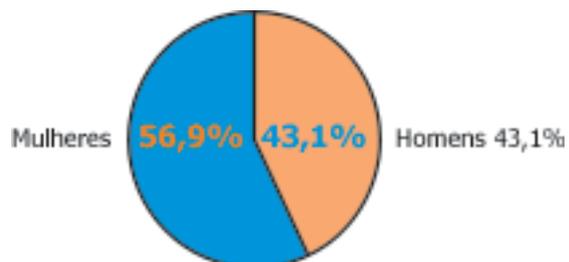


(figura 01)

A participação de gênero na pesquisa



(figura 02)

Universo pesquisado

(Entra figura 03)

Facilitaram a realização da pesquisa: existência do grupo coordenador da pesquisa; abertura dos Regionais; participação das entidades-membros e Cáritas diocesanas; o processo de sensibilização para a pesquisa; a metodologia de trabalho.

2

DADOS E ANÁLISES

DADOS E ANÁLISES

1. PERFIL DO GRUPO PESQUISADO E PESQUISADOR

A faixa etária predominante entre as/os agentes Cáritas é de mais de 50 anos. A maioria é branca, casada e católica; e tem filhas/os, renda mensal entre 4 e 6 salários mínimos e, em média, quatro integrantes na família. Grande parte é composta por trabalhadoras/es voluntárias/os, com participação um pouco mais representativa de homens. As áreas de Educação e Social são as de maior atuação, tanto para o público feminino quanto para o masculino. Há mais homens na carreira de técnicas agrícolas; e as mulheres voluntárias se apresentam como donas de casa. Há um número maior de mulheres com curso superior, provenientes do Serviço Social e da Pedagogia, e, no caso dos homens, da Filosofia/Teologia e da Administração.

Raça	Total	Homens	Mulheres
Predominantemente branca	61,0%	59,5%	62,2%
Filhos			
Possuem	55,7%	59,90%	52,50%
Estado civil			
Solteiros/as		38,9%	42,0%
Divorciados/as		1,7%	52,0%
Viuvos/as		1,5%	5,8%
Outros		1,1%	2,2%
Tipo de trabalho			
Predominantemente voluntário	58,2%	58,9%	56,9%
Religião			
Predominantemente católica	92,9%	93,4%	91,7%
Renda			
18 a 20 salários mínimos		9,5%	500,0%
7 a 10 salários mínimos	19,0%		
4 a 6 salários mínimos	30,2%	29,2%	30,9%
1 a 3 salários mínimos	26,9%		
Tamanho médio das famílias			
5 pessoas	15,3%		
4 pessoas	19,3%		
3 pessoas	12,4%		
Laços familiares			
Mora com o/a esposa/o	48,4%	58,0%	41,2%
Mora com mãe e pai		14,6%	20,7%
Sozinhos/as		10,2%	7,7%

(figura 04)

O perfil permite as seguintes considerações:

1 – A cor branca, por ser um segmento social de dominação na cultura brasileira, e a idade mais avançada, por ser o período de maior consolidação de identidades, são indicativos culturais mais resistentes a mudanças.

2 – O estado civil, com um expressivo percentual de solteiros com mais de 50 anos, a presença maior do trabalho voluntariado masculino, e a escolarização mais significativa por parte das mulheres são indicativos de quebra de tradição.

3 – As profissões mais nas áreas de educação e social e mulheres como donas de casa; a forte presença de católicos; homens na maior faixa de renda; e ambiente doméstico mais feminino são indicativos de manutenção de tradição.

4 – A baixa quantidade de filhas/os é indicativo do aumento da presença das mulheres no espaço público.

2. COTIDIANO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS FAMÍLIAS

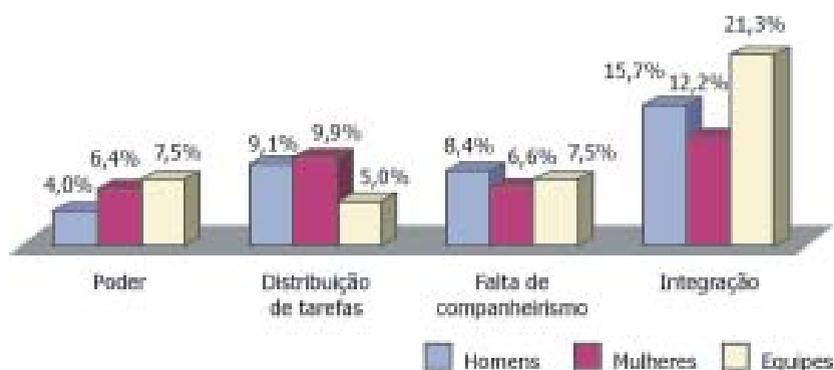
A observação do cotidiano das relações de gênero possibilitou perceber o espaço essencial em que elas se efetivam. Foram analisados aspectos como os horários, o preparo das refeições, a higiene, o trabalho produtivo e os laços familiares.

a. Horários

Tanto as mulheres como os homens acordam entre 6 e 7 horas, mas foi identificado que há um maior contingente do público masculino que se levanta mais cedo. As mulheres são as últimas a dormir, sendo que a maioria delas encerra suas atividades às 23 horas, por terem sob sua responsabilidade as arrumações domésticas para o início do dia seguinte.

b. Preparo de refeições

O café da manhã é, na maioria das vezes, preparado pelas mulheres, mas há um percentual significativo de homens que divide esta tarefa. O dado indica que essas relações estão em processo de mudanças rumo ao equilíbrio. No almoço e jantar, repete-se os indicadores da primeira refeição: normalmente preparados, pelas mulheres, seja agente Cáritas, a empregada doméstica ou outra integrante da família. À noite, aumenta a participação masculina à beira do fogão.



(figura 05)

c. Higiene e cuidados

A limpeza da casa, lavar e passar roupas são, predominantemente, uma atividade realizada pelas mulheres, seja trabalhadora doméstica, agente Cáritas ou outra pessoa da família. A participação masculina aparece em quarto lugar. A informação revela que a presença feminina no mundo do trabalho produtivo ainda não elevou (ou se dá de maneira tímida) a participação do homem nas atividades reprodutivas (Veja definição no item 4.a).

No âmbito familiar, poucos são os que têm crianças ou pessoas que precisem de cuidados em casa. Quando necessitam, as mulheres são atendidas por elas mesmas ou por outras. Os homens são atendidos por eles próprios, mas também recebem ajuda das mulheres. [REFORMULAR – CONFUSO]

O dado remete para duas situações: os homens/agentes Cáritas têm atitudes mais democráticas na divisão das tarefas e as mulheres/agentes Cáritas se relacionam com homens mais tradicionais do que os homens/agentes Cáritas no que diz respeito às relações de gênero.

d. Trabalho produtivo

A maioria de mulheres e de homens deixa suas casas, no período da manhã, para trabalhar, sendo que a presença masculina no mercado de trabalho é maior. Há um expressivo número de mulheres que realizam, na sua residência, trabalhos domésticos, índice que é bem menor entre os homens. À tarde, reduz-se a quantidade de pessoas que saem para trabalhar. Nesse período do dia, os que deixam suas casas dedicam-se a atividades pastorais, estudos, e cuidados com crianças e pessoas idosas.

Em relação às atividades externas, há um indicativo de superação, em parte, da divisão tradicional do trabalho (elas no de reprodução, e eles no de produção), embora o número de mulheres que se dedica às atividades domésticas seja maior do que de homens. O público feminino está cada vez mais presente no mundo do trabalho produtivo, mas permanecem no reprodutivo, o que reforça as tradições que estruturam relações não igualitárias de gênero.

Dentre as atividades noturnas, aparece a televisão como destaque em diversas combinações: trabalhos domésticos, trabalho e estudo, tanto no universo masculino quanto no feminino. Isso demonstra que a TV é, potencialmente, um formador de hábitos e costumes, inclusive os de gênero.

e. Laços familiares

Os encontros nas refeições sinalizam para a coesão nos laços familiares que, por um lado, fortalecem o que há de positivo e, por outro, preservam o que existe de negativo. Embora a maioria das famílias se encontre no horário das refeições, essa característica não é expressiva quando se trata de família completa. Além disso, há uma maior presença masculina no momen-

SUPERAÇÃO – A pesquisa revelou como indicativos de quebra de tradição, entre os participantes da pesquisa, a presença maior do trabalho voluntariado masculino, e a escolarização mais significativa por parte das mulheres.

to das refeições com a família completa, enquanto a mulher convive mais nessa situação com a família incompleta. Já os almoços em companhia de colegas de trabalho são mais identificados no universo feminino.

3. COTIDIANO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA CÁRITAS

A chegada ao trabalho é entre 8 e 9 horas. O percentual de mulheres que iniciam mais cedo é maior, apesar de ter que se levar em conta que há mais homens voluntários, uma realidade não condicionada a horário determinado. Embora haja mais mulheres/agentes Cáritas no preparo da primeira refeição, isso não as impede de chegar cedo ao trabalho, ou seja, as mulheres assumem o mundo do trabalho produtivo, mantendo a responsabilidade no mundo reprodutivo, fazendo a conciliação entre ambos. A pesquisa revela também que as atividades de limpeza na Cáritas são iniciativa das mulheres.

No universo pesquisado, há mais mulheres nas equipes, embora haja grupos com a mesma quantidade ou com maioria de homens. O imaginário quanto aos laços que unem companheiras e companheiros de trabalho traz informação importante para o convívio coletivo: a maioria considera agradáveis os reencontros diários.

O confronto dos dados mostra que as relações de gênero evoluíram a ponto de os homens tratarem as mulheres com igualdade, respeitando as diferenças, mas não avançaram na distribuição das tarefas do mundo do trabalho **reprodutivo**, nem nas famílias nem no ambiente do trabalho.

A visão de que a quantidade de homens e de mulheres nas equipes não faz diferença é um indicativo da pouca sensibilidade para a questão de gênero, visto que é **impossível não fazer diferença**, pois o que move a preocupação nesse aspecto é o caráter conflitivo entre papéis masculinos e femininos. Então, se não há mulheres nas equipes ou estão em pouca quantidade, ou vice-versa, fica dificultada ou impossibilitada a vivência equilibrada de relações de gênero que possa ser testemunho para os grupos com que se trabalha.



(figura 05)

A forma de realizar as atividades em grupo favorece as intervenções. Ter uma pessoa para a interlocução facilita a introdução de novas metodologias e conteúdos, embora seja significativo o número de pessoas que fazem sozinhas as suas atividades. A maneira como homens e mulheres se relacionam conta positivamente para o exercício de vivência de relações democráticas, embora haja ainda atitudes que reforçam os desequilíbrios de gênero, como a necessidade dos homens de proteger as mulheres, não que proteção por si provoque opressão, mas a atitude de proteção pode, a princípio, ser um apelativo para ocultar atitudes de discriminação e de exclusão, principalmente nos postos de poder.

4. MUNDO DO TRABALHO

a. Trabalho reprodutivo nas famílias

A atividade de reprodução não é, tradicionalmente, considerada um trabalho, mas vista como “afazeres domésticos” e mostra-se profundamente sexualizada quando é apresentada como “coisa de mulher”. Não se considera a sua importância enquanto o que faz reproduzir a vida e garantir a sobrevivência da espécie humana. Nela está contido: gerar filhas/os; parir;

cuidar da criança até tornar-se capaz de cuidar de si; cuidar das pessoas que, mesmo adultas, não conseguem cuidar de si (quando doentes, portadores de deficiência); cuidar das pessoas idosas; da higiene da casa, das vestimentas e da alimentação.

O elemento patriarcal da tradição é que está na raiz da questão. Para controlar a sexualidade feminina e garantir a paternidade, separou o público,

“espaço masculino, do poder e trabalho”, do privado, “espaço feminino, de controle e não trabalho”. O poder de ocultação da tradição patriarcalista conseguiu tornar algo na sua negação, ou seja, transformou trabalho em não trabalho, para não remunerá-lo, não dotá-lo de poder e com ele controlar as mulheres, especialmente, sua sexualidade.

**DIVISÃO DE TAREFAS
Na Cáritas, o trabalho reprodutivo repete o padrão das famílias: é feminino. As respostas dos pesquisados confirmam que o movimento rumo a transformações nas relações de gênero deu-se na direção da democratização do espaço público, porém falta avançar mais na democratização e politização do espaço privado – a divisão de tarefas.**

O universo do trabalho de reprodução das famílias das/os agentes Cáritas mantém a tradição: é predominantemente feminino, especialmente, nas atividades de lavar e passar roupas, preparo das refeições, limpeza da casa e cuidados com crianças, pessoas idosas e/ou doentes, embora haja homens que informam se ocupar dessa esfera do

trabalho. Apesar de a presença masculina ser de suma importância, visto que é esse o dado da mudança, a realidade ainda não é a desejada, mas caminha para isso.

O artifício da empregada doméstica para possibilitar que as mulheres trabalhem fora é muito forte. Apelar para isso adia o processo de mudança e camufla a opressão da mulher, sem contar que a tradição da empregada doméstica na cultura brasileira é uma extensão do modelo escravagista. Também amortece a demanda por políticas públicas como creche, asilos, lavanderias e restaurantes públicos.

b. Trabalho reprodutivo na Cáritas

Na Cáritas, o trabalho reprodutivo repete o padrão das famílias: é feminino. As respostas dos pesquisados confirmam que o movimento rumo a transformações nas relações de gênero aconteceu na direção da democrati-

zação do espaço público, porém falta avançar mais na **democratização** e **politização** de um **espaço privado**, que é também espaço público – o escritório, especialmente, nas atividades como o preparo da alimentação e a limpeza. Por outro lado, embora a tradição seja mantida, na avaliação das equipes é bastante expressiva a distribuição das tarefas entre homens e mulheres (45%). O dado é sinal de mudança.

c. Trabalho produtivo

c.1. Trabalho produtivo e ação voluntária

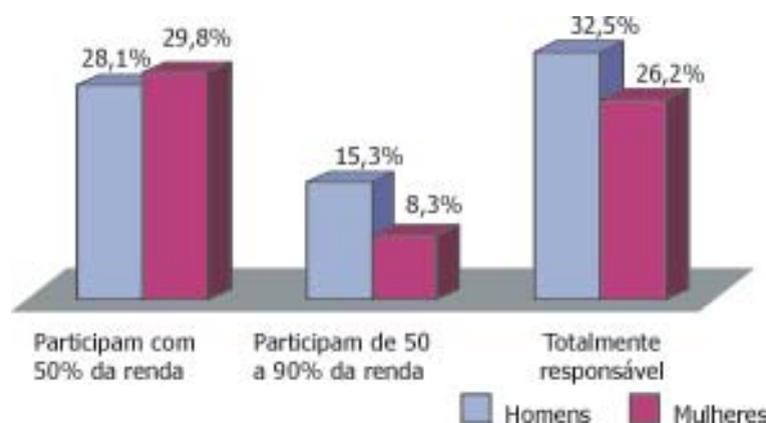
O trabalho produtivo na Cáritas é produzido por dois tipos de relação: contratual e ação voluntária. A primeira é feita sob o regime celetista, e a segunda se dá sem formulação de contrato, por meio da prestação gratuita de serviço. Esses dois universos são marcados por relações bem diversas, com regras e controles também diferenciados. As mulheres formam o maior contingente de profissionais na relação contratual, o que indica a feminilização do trabalho da Cáritas no universo pesquisado. Isto justifica-se pela natureza do serviço prestado pela Cáritas, caracterizado em grande parte pelo cuidado, um princípio “considerado” feminino, o que não quer dizer que o perfil da instituição contenha predominantemente o princípio feminino.

c.2. O trabalho produtivo na Cáritas

O trabalho produtivo de agentes Cáritas soma-se, especialmente, no universo feminino, ao trabalho reprodutivo, ao estudo e às atividades sócio-religiosas. Portanto, é o trabalho produtivo atravessado por uma série de outros compromissos, que podem fazê-lo render menos e/ou torná-lo mais dinâmico.

Quanto ao nível de rendas percebidas em retribuição ao trabalho produtivo (média de 4 a 6 salários mínimos), é quase eqüitativo entre homens e mulheres. Mas, nas faixas de renda mais baixas (de 1 a 3 salários mínimos), elas são maioria, enquanto, nos patamares mais elevados, eles estão em maior quantidade.

A tradição de mulheres ganharem menos que os homens por funções equivalentes está mantida à primeira vista, mas é importante notar que o dado é controverso. A maioria das/dos agentes Cáritas presta serviços voluntários, não há salário. Então, se há a desigualdade, a princípio não seria provocada pela instituição, uma vez que os salários percebidos pelos agentes voluntários não são pagos pela Cáritas.



(figura 07)

A participação feminina é bastante significativa na composição da renda familiar. Os salários de 64,3% das mulheres pesquisadas representam pelo menos 50% do orçamento da família, sendo que o vencimento de 26,2% delas é o único recurso da casa. Entre os homens, 32,5% respondem sozinho pela renda familiar e 75,9% participam com pelo menos metade do dinheiro. Como se pode ver, a participação feminina é forte, mas a masculina é ainda mais representativa.

5. ECONOMIA DOMÉSTICA DE AGENTES CÁRITAS

A economia doméstica é uma categoria pública que se acopla ao espaço privado e que interfere fortemente nas relações de gênero. É uma área de

empoderamento, mas que não valoriza as mulheres, pelo contrário, mantém os laços de sujeição. No universo pesquisado, as mulheres têm importante participação na composição da renda familiar e na sua administração. É um indicativo de movimento transformador, embora ainda prevaleça uma situação de maior concentração no universo masculino.

As mudanças caminham muito lentamente para uma situação democrática. Apenas 6,9% das mulheres e 3,6% dos homens informam fazer a administração da renda de forma coletiva. É um sinalizador de desequilíbrio nas relações, visto que apenas os dados de administração coletiva da renda levam em conta a participação familiar em suas diversas gerações.

Quanto à participação na formação da renda familiar, observa-se que é maior a contribuição masculina, pois os homens são, em maior quantidade, os únicos responsáveis pelos recursos da casa. O dado pode ser um indicativo de que os homens/agentes Cáritas casam-se com mulheres que não participam do mundo do trabalho produtivo.

6. GÊNERO E PODER NA CÁRITAS

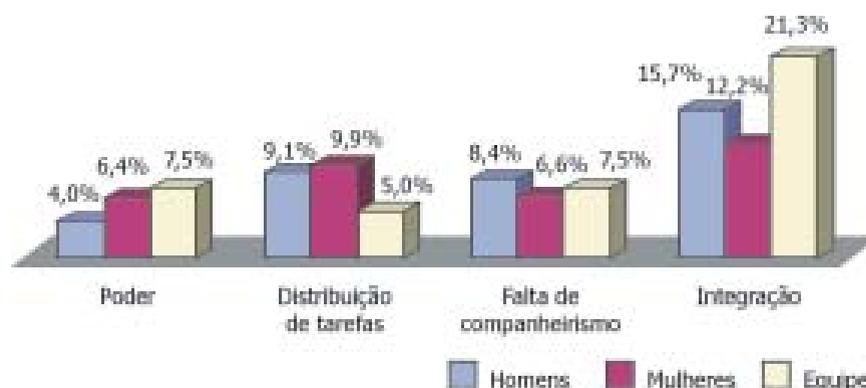
Entender a questão do poder é de extrema importância na análise de gênero, visto que o elemento que move a reflexão é a opressão, uma faceta das relações de poder. Quando perguntado sobre a forma como se relacionam homens e mulheres nas equipes, a maioria do público masculino responde que é **sem conflitos**. A mesma questão respondida em grupo confirma as posições individuais, embora com percentual menor. Importante verificar que é significativo o número de quem expressa que às vezes há conflito – 27,9% das mulheres e 34,7% dos homens. Quanto à natureza dos conflitos, a resposta direta sobre o poder aparece com pequeno percentual.

CONFLITOS – É importante destacar que a maioria não informa a natureza dos conflitos, apesar de grande parte dos grupos afirmarem que eles estão na “integração entre mulheres e homens”. Também aparece como natureza dos conflitos: distribuição de poder, falta de companheirismo e distribuição de tarefas.

As demais justificativas podem estar visceralmente ligadas à questão do poder. Precisam, no entanto, de aprofundamento das respostas quanto à

distribuição de tarefas, que pode se configurar numa outra forma de distribuição de poder; **ao companheirismo**, pressuposto de relações igualitárias e de exercício de poder de forma democrática, e **à integração**, que liga as ações de mulheres e de homens. Se existem conflitos nessas relações, também os há na convivência deste dois universos que, historicamente, separaram-se na participação do poder.

É importante destacar que a maioria não informa a natureza dos conflitos, apesar de grande parte dos grupos afirmar que os conflitos decorrem da “integração entre mulheres e homens”. A natureza dos conflitos também aparece relacionada com a “distribuição de poder”, o que se mostra diferente das respostas individuais em que distribuição de poder aparecia com menor percentual. “Falta de companheirismo” é citada seguida de “distribuição de tarefas”.



(figura 08)

O poder, atualmente, está distribuído eqüitativamente para homens e mulheres. Nota-se que as mulheres percebem mais desequilíbrios. Quanto ao poder no passado, o universo pesquisado também expressa ter havido eqüidade no exercício do poder, na visão dos públicos feminino e masculino. Com uma diferença: as situações de desequilíbrio para as mulheres no momento atual são por elas estarem sós no poder e **no passado terem sido os homens**. Já eles percebem desequilíbrio no presente e atribuem isso à maior concentração de poder nas mãos do homem no presente e no passado.

Quanto ao poder de decisão, a maioria dos homens, das mulheres e das equipes vê situação de equilíbrio entre eles. É importante informar que, embora haja iniciativa de direção colegiada em alguns Regionais, atualmente, dos nove cargos de direção da Cáritas, setes são ocupados por homens, como também é do Secretariado Nacional.

7. ESPIRITUALIDADE

A observação da relação gênero e espiritualidade realizou-se por meio de pesquisa em equipe. Para a maioria dos grupos, há equilíbrio entre homens e mulheres nas práticas e vivências de mística e espiritualidade. Um percentual muito pequeno percebe ausência dessa perspectiva. Quanto à linguagem e referenciais, para a maior parte há equilíbrio entre o público masculino e feminino.

A informação evidencia que as equipes têm base substancial para suporte numa intervenção com vistas à democratização das relações de gênero, por ser o espaço da espiritualidade um potencial para trabalhar a formação das subjetividades e pelo caráter do trabalho realizado pela Cáritas. Por sua vez, a cultura da instituição, baseada na espiritualidade, assenta-se numa matriz judaico-cristã, que é patriarcal e reforça muitos preconceitos de gênero. Então, se a Cáritas trabalha igualdade de gênero em seus momentos de mística e espiritualidade, é um forte sinal de que mudanças estruturais estão em movimento e poderão acontecer.

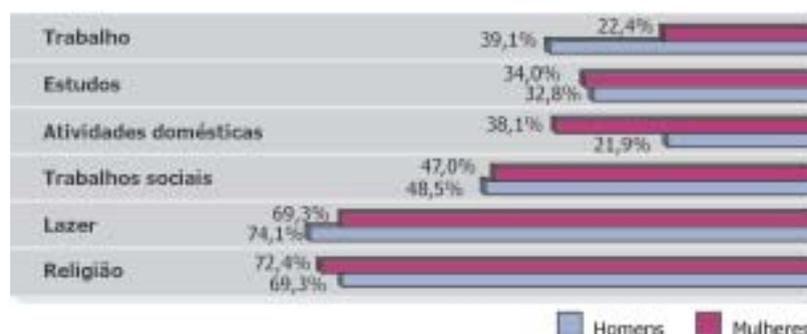
8. LAZER

A verificação da categoria tempo livre é importante nas análises das relações de gênero, por ser um momento em que homens e mulheres têm mais chances de se encontrarem no espaço privado e possibilidades de verificar divisão ou não de tarefas. Ao mesmo tempo, historicamente, o

tempo livre é negado às mulheres pelo caráter ininterrupto das atividades do trabalho de reprodução.

O tempo livre dos finais de semana da maioria das mulheres é ocupado por religião, lazer, trabalhos sociais, atividades domésticas, faxina, lavar e passar, estudos e trabalho. No caso dos homens, há diferenças na ordem: lazer, religião, trabalhos sociais, trabalho, estudo e atividades domésticas.

A maior diferença está exatamente nas atividades domésticas, em quarto lugar para as mulheres, e em sexto para os homens. Os dados apontam para a manutenção da tradição feminina no mundo do trabalho reprodutivo, mesmo nos finais de semana, embora haja sinais de mudanças.



(figura 9)

Dentre as formas de lazer, há destaque, entre as mulheres, para: visitas, TV, passeios, festas, e balneário; para os homens: visitas, TV, passeios, festas e esportes. Novamente, a TV destaca-se no universo pesquisado, um indicativo de que é preciso trabalhar com o que mostra a TV, dado que este veículo de comunicação confirma-se como grande formador de opinião também no universo Cáritas.

9. CONCEPÇÃO DE GÊNERO NA CÁRITAS

As equipes que participaram da pesquisa definiram da seguinte forma a concepção que se tem de gênero na Cáritas: relações igualitárias com res-

peito às diferenças; relações entre homens e mulheres; relações entre pessoas, inclusive do mesmo sexo; discussão recente na perspectiva do novo homem e nova mulher na nova sociedade; relacionada à discriminação de sexo, cultura, idade e classe; dimensão constitutiva da vida humana; e, ausência de discussão.

Um contingente significativo não expressou qual a concepção de gênero que adota e quem se posicionou, em grande parte, não incorpora a dimensão conflitiva que move as relações sociais entre homens e mulheres. Apenas 5,0% enxerga o viés do conflito.



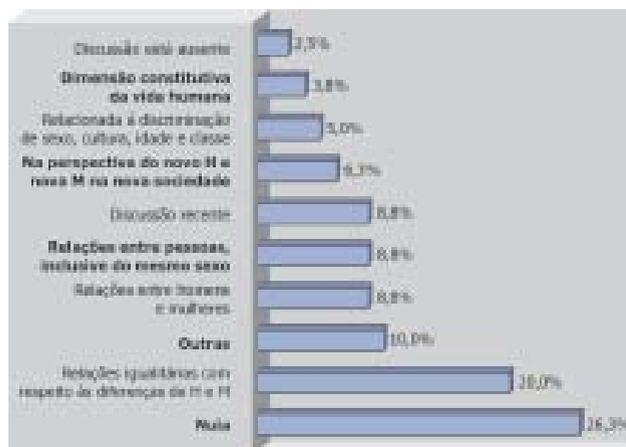
(figura 10)

As equipes consideraram relevante a questão de gênero no desenvolvimento do trabalho da Cáritas, pois essa perspectiva afirma a igualdade de gênero, qualifica a ação institucional, estabelece uma relação com a nova sociedade, resgata a dignidade humana, dá atenção à questão da discriminação, valoriza a mulher e visualiza integralmente o ser humano.

Percebe-se que, para a maioria, a preocupação com a questão de gênero é fundamental, embora haja um percentual significativo que não se posicionou quanto à relevância ou que declarou não ter importância nenhuma. Apenas 15% vêem o debate sobre a relação social entre homens e mulheres como um problema estruturante da sociedade. Eles relacionam essa preocupação com uma nova sociedade e uma visão integral do ser humano.

Vinte e três equipes deixaram de se posicionar quanto à relação gênero e projeto futuro. Onze grupos concebem a questão como um elemento estruturante e estrutural de tecidos sociais, por isso é necessário intervir de modo a elaborar um projeto mais amplo, de construção de mundo solidário e

sustentável onde a igualdade de gênero é um elemento da sustentabilidade e articula outras dimensões.



(figura 11)

10. PERCEPÇÃO DE CONFLITOS DAS/DOS AGENTES CÁRITAS

A percepção das questões relacionadas a gênero é ponto crucial para uma intervenção. Sem conseguir ater-se ao assunto, é difícil ou impossível o desenvolvimento de uma ação em tempo ou forma adequada. A maioria das pessoas pesquisadas informou que consegue perceber quando há conflito na equipe, quando está inserida/o em conflito, bem como captar conflitos de relacionamento nos grupos.

SENSIBILIDADE – Embora, para a maioria, a preocupação com a questão de gênero seja fundamental, apenas 15% dos pesquisados vêem o debate sobre a relação social entre homens e mulheres como um problema estruturante da sociedade.

No geral, o universo pesquisado demonstra ter sensibilidade para a percepção de conflitos nos mais diversos espaços, sendo que os homens se declaram mais sensíveis. A postura adotada frente às dificuldades varia entre incentivar o grupo a questionar as razões e discutir o caso com a equipe de

trabalho, quando se percebem vivenciando conflitos de gênero. Todas são atitudes educadoras e educativas.

Porém, ainda há omissão, embora em pequena escala. Nos conflitos das equipes, há quem, normalmente, não interfere e, quando se percebe em conflito, não reage, e se está em grupo, não opina. Porém a maioria não respondeu às referidas questões sobre conflitos nas equipes.

Quanto à capacidade de perceber a timidez nas mulheres e nos homens em participar, a maioria diz que consegue notá-la. O curioso é que a percepção da timidez nos homens é mais forte que nas mulheres. Essa percepção é um indicativo de que a não participação masculina é mais sentida do que a feminina.

Percepção de conflitos	Homens	Mulheres
Percebe que há conflito na equipe	70,1%	68,1%
Percebe que está inserido/a no conflito	76,3%	73,2%
Percebe conflito no grupo	60,9%	53,3%
Havendo conflito nas equipes		
Não interferem	7,7%	9,4%
Não reagem	4,7%	2,5%
Não interferem no grupo	1,8%	1,7%
Não responderam à pergunta anterior		
Conflito nas equipes	32,5%	30,7%
Em conflitos	23,7%	26,8%
Conflito no grupo	40,2%	47,3%
Capacidade de perceber timidez		
Nas mulheres	64,2%	68,2%
Nos homens	75,5%	71,3%

(figura 12)

11. AÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA CÁRITAS

Para abordar a ação didático-pedagógica na Cáritas Brasileira, foram pesquisados, no individual e na equipe, a linguagem, a metodologia de trabalho e o material didático.

a. Individual

Os dados levantados mostram que a maioria das pessoas inclui homens e mulheres na **linguagem** utilizada, embora seja ainda pouco expressiva. Por outro lado, é elevado o índice de pesquisados que não consideram esse aspecto importante, tanto entre o público feminino como entre o masculino. A linguagem não é a única definidora do trabalho na perspectiva de gênero, mas um forte elemento, que anuncia, de imediato, a existência ou não de trabalho educativo na perspectiva de gênero.

Quanto à **metodologia de trabalho**, a maioria diz olhar de forma equilibrada para homens e mulheres no tocante à postura em público, embora seja significativo o número que afirma não observar o detalhe. O olhar de quem se posta frente a um público, em atitude de comunicação, é importante encorajador ou desencorajador de participação.

Grande parte das mulheres e dos homens informa que incentiva a participação de ambos. Dentre as formas de motivação destacam-se a provocação, o questionamento para que opine, as dinâmicas de integração, o trabalho com a auto-estima feminina, a afirmação da igualdade de gênero, o diálogo nas atividades, o despertar do protagonismo feminino e a contextualização dos temas. Os resultados da pesquisa mostram que o incentivo à participação dos homens é menor.

Quando homens e mulheres não comparecem às atividades, a maioria delas, na ausência deles, problematiza o fato. Já o público masculino, de maneira significativa, não problematiza a ausência feminina, mas sim a dos homens, um reflexo de que a ausência masculina é considerada mais importante para os dois universos.



(figura 13)

Na opinião do público pesquisado, quando o grupo sexualiza o trabalho, a atitude tomada interfere nas atividades, mas é significativo o percentual de omissão em relação a esse aspecto, especialmente entre os homens. Outro dado revela que a maioria declara incluir o tema mulher na discussão de políticas públicas.

Se o **material didático** reforça preconceitos, a maioria provoca o grupo a detectar o problema ou faz questionamentos. Se o material não é trabalhado na perspectiva de gênero, as mulheres e os homens declaram que questionam o documento na atividade, embora haja quem não faça nada.

Sobre a forma como a questão de gênero interfere no trabalho, a maioria não respondeu. Os que se posicionaram, disseram que a interferência é feita valorizando o assunto como eixo, afirmando a igualdade de gênero, discriminando as mulheres, agindo de forma preconceituosa, desorganizando o grupo e promovendo uma divisão sexista de atividades.



(figura 14)

b. Equipe

A maioria das equipes informa que o **material didático** está na perspectiva de gênero. Mas, numa outra vertente, um número significativo diz que não há instrumental para favorecer o trabalho na perspectiva de gênero.

A forma como a questão gênero surgiu nas equipes foi externa para a maioria dos pesquisados, seja por meio do Secretariado Nacional, desta

pesquisa, da agência financiadora e dos Regionais. O dado sinaliza para a pouca sensibilização das equipes no que diz respeito ao assunto, embora um percentual importante tenha dito que essa discussão advém da necessidade percebida pela própria equipe.

Quanto às ações de gênero nas equipes, 21,3% não responderam. A participação em eventos, estudo, promoção de eventos, discussão nos trabalhos de base e nesta pesquisa foram as principais atividades envolvendo o tema. Como resultados, são percebidas sensibilizações, mudança de comportamento e aprofundamento da temática.

Pelo levantamento, identifica-se que as equipes trabalham diversidade cultural, mas não trabalham geração nem raça/etnia. A maioria vincula gênero com classe social. Enfim, há um esforço de desenvolver as ações na perspectiva de gênero no trabalho da Cáritas, porém ainda fragilizado e com pouca consistência.

Postura em público	Homens	Mulheres
Olha de forma equilibrada	59,9%	53,6%
Não observa o detalhe	23,7%	30,4%
Incentivo a participação	78,5%	78,8%
Quando há sexualização do trabalho		
Interferem	38,9%	34,0%
Não interferem	20,1%	14,8%
Inclusão do tema mulher na discussão		
inclui	54,0%	47,2%
Equilibrar a participação de homens/mulheres		
		Grupo
Motiva a participação		45,9%
Não considera esse aspecto		9,4%
Não fazem nada		2,8%
Nulos		14,0%

(figura 15)

3

CONCLUSÃO

HIPÓTESE

As relações sociais de mulheres e homens no âmbito da Cáritas Brasileira já superaram a dimensão explícita da dominação, em função das várias iniciativas educacionais promovidas pela entidade com o objetivo de combater as formas opressoras, bem como pelo caráter do trabalho realizado por suas/seus agentes em busca de uma sociedade justa e solidária. Essa foi a hipótese da pesquisa. Acredita-se que o resíduo de dominação nas relações de gênero subsiste na forma simbólica (suave e invisível para as próprias vítimas), que é exercido pelas vias da comunicação, do conhecimento e do sentimento.

O cruzamento realizado entre as iniciativas educativas de combate às desigualdades de gênero e superação das relações de dominação entre homens e mulheres mostrou que a hipótese experimental da pesquisa se comprova. Ou seja, existe correlação entre a natureza do trabalho da Cáritas e a superação das relações de dominação entre homens e mulheres. Realizados os testes, verifica-se que esta é uma correlação positiva moderada. Podem ocorrer vários casos onde esta situação não é verificada, mas este cruzamento é válido para os questionários individuais e de equipes na pesquisa nacional, podendo variar nos regionais.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa – conhecer as relações sociais de gênero entre agentes da Cáritas na perspectiva de gênero, considerando a transversalidade de classe, raça, etnia e geração, para melhor promover e animar o serviço de solidariedade ecumênica libertadora em favor das populações excluídas – foi alcançado. O material coletado fornece informações sobre perfil, cotidiano familiar e de trabalho, mundo do trabalho, lazer, vivência espiritual, percepção e concepção de gênero, e ação didático-pedagógica da Cáritas.

As informações estruturam o retrato de uma Cáritas, em parte, sensibilizada para trabalhar na perspectiva de gênero, tendo superado a dimensão mais explícita da dominação e, embora com uma ação didático-pedagógica

ainda fragilizada e com pouca consistência, vem implementando atividades nessa perspectiva.

Quanto aos objetivos específicos, alguns foram atingidos e outros são processuais. Eles serão plenamente alcançados com a execução de um plano de ação para a continuidade das discussões sobre gênero no trabalho cotidiano da Cáritas.

O perfil das/dos agentes da Cáritas, na perspectiva de gênero, com a transversalidade de classe, raça, etnia e geração está composto na primeira parte desta publicação (item II.1). Durante a pesquisa, foram vivenciados momentos de capacitação que trataram das concepções de gênero e tornaram-se uma oportunidade de aprofundar o entendimento sobre o assunto. O processo de capacitação forneceu subsídio para ser utilizado como instrumento de transformação social, e será fortalecido com o plano de ação e sua execução. A proposta é que esse processo colabore na implementação de uma gestão democrática e solidária na Cáritas e contribua nos processos formativos das/dos agentes da Cáritas.

DIVERSIDADE – Incentivar e motivar a participação equilibrada de homens e mulheres, questionar materiais didáticos não inclusivos ou preconceituosos, promover eventos e discussões a respeito do assunto nas atividades de base, adaptar o material didático e a metodologia à perspectiva de gênero, raça/etnia e geração e adotar essa perspectiva em todas as linhas de ação, poderá contribuir para potencializar o debate.

ELEMENTOS PARA DIAGNÓSTICO

Potencialidades

- **Culturais:** formação e nível de escolaridade; utilização do tempo livre para lazer, religião e trabalhos; trabalho voluntário; distribuição equitativa de poder; participação de mulheres na formação e administração da renda; poder equitativo de decisão e apoio ao movimento de mulheres.
- **Comportamentais:** trabalhar sozinha/o e em grupo; relacionamento entre homens e mulheres nas equipes; satisfação no encontro com colegas de trabalho; a forma de agir de mulheres com homens e vice-versa; não contar piadas machistas e a não omissão frente a atitudes de sexualização do trabalho.

- **Ação didática:** pequenas iniciativas inclusivas de linguagem, de metodologia e de material; boa capacidade para perceber conflitos entre homens e mulheres; atenção ao público feminino e masculino de forma equilibrada; incentivo e motivação para equilibrar a participação; atitude de questionar materiais didáticos não inclusivos ou preconceituosos; percepção da necessidade de trabalhar gênero; promoção de eventos e discussões sobre assunto nas atividades de base, e trabalho sobre diversidades culturais.

Fragilidades

- **Estruturais:** mais mulheres nas equipes; desequilíbrio quantitativo de geração – baixa participação de jovens; desequilíbrio racial – maioria branca; e, pouca diversidade religiosa.
- **Culturais:** não inclusão da perspectiva de geração na administração da renda familiar; atividades reprodutivas tanto na família como na Cáritas concentradas em mãos femininas; alto contraste nos níveis de escolaridade; pouca diversidade religiosa; não posicionamento quanto à questão de gênero no projeto futuro de sociedade; omissão do conflito; metodologia não ou pouco inclusiva e concepção de que não é importante adotá-la; e, opinião significativa de que a organização de mulheres não tem mais razão de existir.
- **Ação didática:** não posicionamento quanto à forma de incentivar a participação; falta de problematização sobre as ausências nas atividades; pouca manifestação quanto às atitudes de sexualização do trabalho; consideração expressiva de que a linguagem inclusiva de gênero não é importante; baixa percepção sobre a quem dirige o olhar nos momentos de capacitação; forma de equilibrar a participação entre mulheres e homens; pequena percepção da interferência de gênero no trabalho Cáritas; pouca participação das mulheres na discussão de políticas públicas; grande parte do material não trabalha na perspectiva de gênero, que, por sua vez, é desvinculada de classe social por parte das equipes; incapacidade de perceber a timidez; forma externa

de chegada de gênero às equipes; ausência de instrumental para avaliar gênero; poucas ações na perspectiva de gênero; falta de planejamento de capacitação sobre o assunto e de percepção dos resultados das ações; não trabalha na perspectiva de geração, raça/etnia e diversidade cultural; e, pouca manifestação por parte das equipes quanto à importância de gênero.

Indicativos

- **Culturais:** levar em conta o papel das famílias com laços fortalecidos; usar exemplos da TV; discutir sobre a empregada doméstica na cultura brasileira; trabalhar gênero na divisão de tarefas domésticas; trabalhar a integração de homens e mulheres na Cáritas, e aprofundar a discussão sobre poder e gênero na hierarquia da Igreja Católica.
- **Comportamentais:** trabalhar gênero a partir dos laços de afetividade nas equipes; e, continuar problematizando a questão das piadas.
- **Ação didática:** aproveitar a habilidade para trabalhar em grupo no fortalecimento do trabalho de gênero; fortalecer o trabalho com gênero nas equipes adotando-o como transversalidade e incluindo também raça/etnia e geração; ampliar os debates sobre a importância da divisão sexual do trabalho produtivo e reprodutivo; trabalhar nas equipes a importância do equilíbrio quantitativo de gênero, raça/etnia e geração; sensibilizar para a percepção de conflitos de gênero; procurar unir homens e mulheres com lazer, religião e trabalhos sociais; capacitar para a atuação em políticas públicas; investigar a percepção de conflitos de gênero e a percepção da timidez de homens e mulheres em participar; elaborar dinâmicas que levem o grupo a perceber os problemas; incentivar o uso de metodologia, de linguagem e de material didático inclusivos; adequar o material didático e a metodologia à perspectiva de gênero, raça/etnia e geração; adotar a perspectiva de gênero em todas as linhas de ação; e, aprofundar a discussão nas práticas de mística e espiritualidade.

UM OLHAR SOBRE A PESQUISA DE GÊNERO DA CÁRITAS BRASILEIRA

Vini Rabassa da Silva*

Antes de fazer uma reflexão sobre os resultados apresentados pela pesquisa de Gênero realizada na Cáritas Brasileira, começarei com um breve comentário em torno de alguns pontos relacionados à própria concepção de pesquisa, na atualidade, e que, talvez, possa contribuir para esclarecer alguns questionamentos e/ou preocupações, expostos pelo grupo de pesquisadores/pesquisados, em relação à validade desta pesquisa.

I – EM RELAÇÃO À PESQUISA PROPRIAMENTE DITA

1. Objetividade e validade dos resultados da pesquisa – Início destacando que toda a pesquisa, mesmo que intencionalmente busque a objetividade, sempre terá, também, um caráter subjetivo o qual perpassa a pesquisa desde a sua construção, apresentação e análise de dados, mesmo que haja uma preocupação permanente com a objetivação durante todo o seu processo. Isto ocorre não só com as pesquisas classificadas como qualitativas mas, também, com as quantitativas. O pesquisador deve fazer um esforço de **objetivação**, porém isso não anula a sua subjetividade. Portanto, todo e qualquer dado resultante de uma pesquisa pode ser analisado de forma diferenciada, dependendo de quem analisa.

Esta pesquisa trabalha com dados quantitativos e qualitativos e procura fazer uma interpretação final, cruzando os dois, já que um grupo de pes-

* *Doutora em Serviço Social, professora da Universidade Católica de Pelotas (RS) e assessora da Cáritas Brasileira.*

quisadores/pesquisados faz a própria análise dos dados. Neste caso, é mais necessário, ainda, termos presente a transversalidade da subjetividade na interpretação final. Mas, isso não é nenhum demérito desta pesquisa, desde que seja claramente reconhecido como decorrente de sua própria metodologia.

Convém, ainda, lembrar, que mesmo que fosse uma pesquisa apenas quantitativa, ela não perderia o caráter subjetivo, resultante da forma como foi elaborada e analisada pelos seus atores. Talvez, seja até possível dizer que o quantitativo impede uma maior manifestação da subjetividade, a qual fica ocultada pela aparente neutralidade dos números, esquecendo que eles, por si só, não explicam nada. Isto é, que todo dado quantitativo supõe sempre uma interpretação. Hoje, principalmente nas ciências sociais, isso está mais claro. Na área social a explicação de um fenômeno por uma pesquisa não é algo definitivamente inquestionável. Ou seja, até diante dos mesmos resultados, dependendo de quem está fazendo a leitura, podem ser estabelecidas relações diferentes, de acordo com a sua cultura, a sua história e o contexto social em que está situado(a), e em consequência serem apresentadas conclusões diferenciadas.

Poder-se-ia perguntar: *Então, para que fazer pesquisa?* Ocorre que, quando feitas com rigor científico, as variações de interpretação não poderão ser tão grandes que contradigam as evidências principais ou mais significativas. A pesquisa visa exatamente propiciar uma melhor compreensão e explicação de determinados fatos e fenômenos, servindo como referencial para uma ação mais eficaz. No caso desta pesquisa, temos alguns dados que nos permitem dizer por onde estão transitando as relações da Cáritas Brasileira nas questões de gênero, e que permitem pensar em algum tipo de ação. Entendo que a pesquisa na Cáritas Brasileira deve ter bem presente a sua função instrumental para uma ação mais competente, já que não se trata especificamente de uma instituição de pesquisa.

2. Todo fenômeno social é contextual. Isto significa que todo fenômeno é datado e situado num tempo. É importante ter isso presente, para conseguirmos olhar as conclusões gerais desta pesquisa sem desconsiderarmos as conclusões dos regionais, isto é, as especificidades das relações de gêne-

ro nos diferentes regionais, devido às suas características culturais. Penso que a análise regionalizada é um dado que não pode ser desconsiderado nesta pesquisa.

3. Significado das abstenções nas respostas. Foi questionada a quantidade de perguntas que ficaram sem resposta. Diante disso, há algumas observações que podem ser feitas. O que pode significar a existência de questões sem resposta numa pesquisa? Pelo menos duas hipóteses podem ser levantadas como respostas possíveis para esta pergunta. Uma hipótese é que houve abstenção porque a pergunta não estava claramente formulada, por isso não foi entendida pelos pesquisados, portanto, estes não sabem como responder. Às vezes, a pergunta não está clara, ou as alternativas oferecidas confundem. Outra hipótese é que uma grande abstenção pode estar relacionada a uma resistência ou a uma desconsideração para com o que está sendo questionado. Neste caso, cabe indagar: – *O que pode indicar o descaso com esta pesquisa para nós, da Cáritas Brasileira?* Pode indicar pouca prática de pesquisa na Cáritas Brasileira, pois não faz parte de nosso cotidiano fazer pesquisas. Considerando que a característica da Cáritas Brasileira é a ação, alguns agentes podem ter pensado: *“Para que responder esse questionário? Vamos perder tempo com isso...”* A rejeição pode ser, ainda, devido ao tema pesquisado: *“Pesquisa sobre gênero, para quê? De onde saiu a pesquisa? Nós não pedimos. Isso é coisa do Nacional...”* Essas hipóteses não são excludentes entre si, isto é, a abstenção pode ter acontecido por várias razões aqui colocadas e ainda por outras não citadas. A descoberta do seu significado merece uma análise maior.

4. Dados contraditórios. Outra questão refere-se à existência de dados contraditórios, que não permitem uma interpretação mais precisa e demandam uma nova pesquisa. Quanto a isso, convém lembrar que faz parte da pesquisa evidenciar aspectos que podem demandar novas pesquisas para serem melhor compreendidos. Este é um dos motivos que justifica a necessidade de desenvolver uma atitude permanente de investigação. Estes resultados não esgotam a análise das relações de Gênero na Cáritas Brasileira. Ao contrário, eles podem indicar o despertar de seus agentes para uma atitude

investigativa sobre a questão de gênero, isto é, a ficarem atentos/as, cotidianamente, às manifestações das relações de gênero.

Passo, agora, a comentar alguns aspectos que destaquei durante a apresentação dos resultados da pesquisa.

II – EM RELAÇÃO A APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

1) Alguns questionamentos sobre a interpretação realizada. a) Será que, no perfil dos/as agentes, o estado civil – *solteiro(a)* – não está relacionado à presença significativa de religiosas(os) mais do que à quebra de tradição? Caso sim, ele pode ser fator de **manutenção de valores**, ao contrário do colocado na interpretação. Penso, que é importante que se levantem estas duas hipóteses e que se retorne às fontes para uma melhor verificação. b) A maioria apontou que há equilíbrio de poder entre homens e mulheres na Cáritas Brasileira. Porém, quando a pesquisa foi realizada é afirmado que dos nove secretários regionais sete eram homens, bem como o secretário nacional. Indo além do pesquisado, vale lembrar que só na segunda metade da década de 80 é que uma mulher foi eleita para a diretoria nacional, e que nos cargos de direção, nas dioceses, por uma análise geral, percebe-se que a maioria é homem, principalmente quando indicados pelos senhores Bispos. Será que isso revela, de fato, que há equilíbrio, conforme foi afirmado? Ou, caberia perguntar: – O que esta afirmação contraditória pode estar escondendo/revelando?

2. Mulheres e poder. Outro elemento importante é a ausência histórica da mulher nos espaços de poder da Cáritas Brasileira. É importante ficarmos atentos/as a este aspecto. Será que as mulheres que trabalham na Cáritas Brasileira, apesar disso, não têm mais poder do que imaginamos? Dizia-se em assembléias passadas da Cáritas, que eram os diretores que delas participavam, mas que quem fazia o trabalho no dia-a-dia acontecer eram as mulheres. Diante disso julgo importante alertar que não tem poder apenas quem está no comando. A direção é um tipo de poder, mas toda a

relação que estabelecemos com o outro também é permeada pelo poder. Se a execução está mesmo nas mãos das mulheres, será que elas não têm poder? Quem garante a prática? Nos trabalhos de base, as pessoas dizem o nome de quem trabalha. Geralmente, nem sabem o nome do diretor/presidente da Cáritas Brasileira. Portanto, considerando o trabalho do(a) agente de Cáritas na atividade direta com o povo, e a partir da missão da transformação social, quem será que mais influi na Cáritas Brasileira, o homem ou a mulher? E influir é ter poder. Será que não está faltando às mulheres descobrirem o poder que elas têm no cotidiano, na prática?

Isso não significa que deva ser consolidada esta divisão de poder: na prática com as mulheres e na direção com os homens, o que pode gerar desvios na ação. Não é isso. A questão não é manter a divisão, mas alertar as mulheres para a necessidade de olhar para esse tipo de poder que está nas nossas mãos e ao qual, muitas vezes, não damos o devido reconhecimento (e, criticamos, quando os homens não valorizam o nosso trabalho...).

3. Feminilização histórica da assistência e da caridade. A análise dos dados da pesquisa aponta para a feminilização do trabalho da Cáritas. Penso que este é um resultado que merece uma análise que se reporte a uma visão histórica da prática da caridade e da assistência social na sociedade brasileira, uma vez que a Cáritas Brasileira é um organismo da CNBB criado para prestar assistência social e realizar a promoção humana de pessoas e grupos carentes e vítimas de emergências naturais. Com esta finalidade caritativa ela foi reconhecida pela Igreja e instituída legalmente no Brasil. Sendo assim, a presença maior de mulheres em seu trabalho, certamente, é em parte decorrente da histórica atribuição na sociedade capitalista das atividades reprodutivas (alimentação, educação, cuidados com a moradia, com a saúde...), às mulheres, enquanto aos homens eram atribuídas as tarefas voltadas à produção por serem considerados mais inteligentes e mais fortes para o trabalho. Em consequência, estas tarefas também eram consideradas de menor importância, e quando exercidas como trabalho remunerado eram-lhes atribuídos salários mais baixos. É importante analisar como esta relação se estende até os dias de hoje nas

práticas pastorais e nos serviços sociais. (Por isso, mesmo que este veio de análise já tenha sido incorporado no corpo da análise esta pesquisa, penso que vale reforçá-lo.)

Essa relação nos alerta para vários aspectos nas relações de gênero. As mulheres precisam ter consciência de que o feminino, muitas vezes, é usado como meio de dominação ou de manutenção da subalternidade no trabalho social (o jeito carinhoso de lidar com os pobres, a ternura, a facilidade de comunicação num mesmo nível...), servindo para obter a adesão ao que é oferecido, e até mesmo despertando a gratidão para com a pessoa que oferece “ajuda” de forma tão “bondosa”. Nas políticas públicas isto tem sido usado para reforçar o poder político, já tendo sido bastante criticado o papel das primeiras damas. Mas, a manipulação da relação entre “*ajudante e ajudado/a*” não é exclusividade a política. Um questionamento pode ser levantado: – Na Cáritas, a maior presença de mulheres se constitui numa forma subliminar de obter a adesão aos seus programas? Qual o significado de afirmações tais como: “*Essa moça da Cáritas Brasileira é tão boazinha...*” Ou: “Como a Cáritas Brasileira é boa... ela ajuda tanto... essas moças são ótimas...” Aí pode estar a relação do feminino legitimando o assistencialismo, a subalternidade, servindo para a dominação...

Por outro lado, é interessante perguntar: Como se sentem os homens, quando se fala de algumas qualidades como tipicamente femininas (incluindo a sensibilidade e a prática da caridade)? Na Cáritas, a maior presença de mulheres, exige atenção a estes aspectos, pois as mulheres foram as mãos, os braços, a cabeça e o coração para legitimar estas crenças e reproduzi-las para os seus filhos, e para, de forma velada, manter a subalternidade e contribuir com a reprodução do sistema. Outra questão importante que precisa ser mais discutida é: Como a relação entre homens e mulheres pode contribuir para a superação desta marca histórica do feminino no trabalho social? Assim, também o interesse em trazer os homens para trabalhar com o coração (com o uso de oficinas, de danças, de reflexões...) tem que estar intimamente relacionado com a missão da Cáritas na sociedade brasileira, para evitar o risco de reproduzir alguns desvios advindos da manipulação dos aspectos afetivos nos relacionamentos.

4. Linguagem sexista. A questão da linguagem, que já foi enfatizada neste seminário, também merece a nossa atenção. Mas, quero relativizá-la um pouco. Não basta falar *companheiros/as, todos/as*. Apenas essa linguagem não revela uma postura de relações de gênero igualitárias, pois apenas uma manifestação verbal, pode não expressar uma ruptura com o que está introjetado nas pessoas. Este alerta não exclui o fato incontestável dela ser sexista e a exigência de ruptura com a mesma.

5. Objetivo da pesquisa e missão da Cáritas. Foi afirmado que um dos objetivos da pesquisa é provocar o testemunho, tendo, assim, um caráter formativo. Quero alertar que a importância dada às relações de gênero na prática da Cáritas, inclusive o compromisso de seus agentes com a ruptura de toda e qualquer prática discriminatória (de gênero, de raça, de etnia, de geração...) não pode estar descolada da importância fundamental dada ao alcance da sua finalidade, para a qual tudo necessita convergir. Assim, a preocupação em colocar homens e mulheres, agentes de Cáritas, como protagonistas deve estar intimamente relacionada ao aperfeiçoamento de um trabalho em conjunto, que garanta **o protagonismo dos excluídos/as**. Isto é, na Cáritas a construção de relações igualitárias no trabalho é meio e não fim.

6. Aproveitamento dos resultados. O fato do grupo de trabalho dessa pesquisa ter ficado maciçamente constituído por mulheres, pode ser um indicativo de que as mulheres tinham um interesse maior na sua condução. Se esta hipótese for verdadeira, é preciso um maior cuidado para que o aproveitamento de seus resultados, também não fique mais concentrado nas mulheres, pois isso condicionaria a obtenção de avanços. É necessário, então, indagar: – O que fazer para que homens e mulheres assumam os resultados? Convém destacar que a Cáritas já produziu alguns ganhos durante o seu desenvolvimento, uma vez que a sua metodologia garantiu um processo participativo com caráter formativo, incluindo o aprendizado de novas dinâmicas.

As dinâmicas usadas nos momentos de mística (danças circulares e outras) considero que ainda podem ser melhor aproveitadas para mobiliza-

rem a pessoa como um todo para o compromisso concreto com a ação, e para enriquecimento do trabalho direto com os excluídos/as, tendo o cuidado para que se constituam, tanto com os agentes, como com os excluídos/as, em momentos de encontro, e não, de alienação.

Finalmente, ressalto que a pesquisa indica temas a serem trabalhados no futuro, enfatizando as relações familiares, enfocando-as como pólo para discussão de relações de gênero, de raça, de etnia e de geração. É preciso pensar em como viabilizar isso e, acrescento, em como inserir estas discussões no trabalho com os excluídos/as ultrapassando, assim, a linha do testemunho com uma prática transformadora.

Para finalizar quero cumprimentar a Coordenação, o Grupo de Trabalho e a assessora desta pesquisa pelo trabalho realizado, especialmente pela sua capacidade de enfrentamento de tantos obstáculos, devido à grande diversidade do universo pesquisado e por ter se constituído, ainda, em uma prática inovadora na Cáritas Brasileira. Destaco que as observações e comentários, aqui realizados, refletem apenas o meu olhar sobre os resultados da pesquisa apresentados no Seminário Nacional, e espero que eles possam contribuir/provocar novas discussões.

Bibliografia

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Russell, 1999.

CORRÊA, Sônia. *Igualdade e eqüidade de gênero*. Brasília: INESC, 1999.

COSTA, Ana Alice. Em busca da cidadania plena. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA; REDOR – N/NE, 1999.

COUTINHO, Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ESMERALDO, Gema Galgani. Representação política do gênero feminino nas direções sindicais: mudanças e permanências. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA; REDOR – N/NE, 1999.

HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero e condição feminina: uma abordagem antropológica*. Rio de Janeiro: IBAM/UNICEF, 1991.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. *A classe operária tem dois sexos*. Rio de Janeiro, Ciec/UFRJ nº 1, 1994.

MAGALHÃES, Belmira. Obediência e resignação: a imagem da mulher na mídia. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA; REDOR – N/NE, 1999.

PASSOS, Elizete. Gênero e identidade. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (org.). *Olhares & diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA; REDOR – N/NE, 1999.

PETRAS, James. *Classe, gênero e luta revolucionária. COMPLETAR: Cidade?? ____: Editora???, ano? ____*

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Sociedade*, Porto Alegre, v.15, n.2, p.5-22, jul/dez.1990.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. Gênero no mundo do trabalho: referências iniciais para um debate. Brasília, 1999. Mimeografado. Texto elaborado para o Fundo para a Igualdade de Gênero, Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (Cida/ACDI).

